

Introdução

O livro *Os Sertões* foi escrito pelo ex-combatente do exército e jornalista brasileiro Euclides da Cunha sendo considerado uma obra pré-moderna, segundo conceito de Alceu Amoroso Lima, cujo pseudônimo era Tristão de Athayde, crítico literário. O termo é controverso, mas algumas características, como o fato de “(...) apresentar uma mudança de orientação no que diz respeito ao alargamento do imaginário social, em virtude da incorporação de novos personagens e espaços sociais” (ARAÚJO, 2012, p. 119) permite tal designação. O período representou um terreno fértil para o Modernismo, pois havia nele um prelúdio de temas como construção de uma ideia de Nação Republicana, rompimento com os ideais românticos e resgate de nossas raízes, além de inovações na área da linguagem.

A história de Canudos tem início no sertão da Bahia, em um contexto em que predominava a fome, a seca e os engenhos decadentes. O Conselheiro, alcunha histórica de Antônio Vicente Mendes Maciel, encontrou um porto seguro em uma fazenda abandonada de nome Belo Monte às margens do rio Vaza Barris. Sua vida pregressa de abandonos familiares e matrimoniais, além de toda miserabilidade local, serviu-lhe de mote a um propósito existencial. Seus sermões foram responsáveis por consolar os sertanejos e içá-los à construção de um ideal. Esta terra, nomeada de Canudos, cresceu e contava com mais de 20 mil habitantes, que se uniram em razão do descaso do Estado. A comunidade “que ali ocorrera não era da ordem do patológico, que implicaria a desagregação da vida do arraial, mas ao contrário uma “desesperada tentativa no sentido de uma nova organização social”. (GALVÃO, 2001, p. 104). Este corpo social se expandiu e já se auto gerava, plantavam, criavam animais e a subsistência em domínios coronelísticos começou a afrontar a ordem republicana vigente. Conselheiro era conservador e defendia a monarquia, pois acreditava no direito divino de governar, portanto, a República não era bem quista por ele, pois não apreciava a laicidade do Estado, fato este que gerou desconfiança dos governantes em relação ao fundador de Canudos. O presidente do estado da Bahia, em aliança com os coronéis, propiciou diversos levantes que não foram bem sucedidos. Os fracassos regionais e estaduais

levaram a União a agir. Para empreender tal feito as autoridades do Rio de Janeiro, então capital Federal, foram incumbidas de dar fim a esta transgressão. Assim Moreira César, tenente do exército, que já tinha participado de diversas revoltas, foi enviado por Prudente de Moraes, então presidente da República, com 1500 homens e pesado armamento para invadir Canudos, mas foi derrotado pelos sertanejos que armaram uma emboscada. Somente em 1897 Canudos sucumbe a violência bélica do exército Nacional. Os sertanejos, sempre resistiram aos ataques empreendidos contra eles, porém devido a violência armamentista investida contra a comunidade, inclusive com o uso inovador de um canhão, apelidado insanamente de “matadeira”, eles foram brutalmente atacados e assassinados. “Terminada a guerra e incendiado o arraial, as forças legais se retiraram, deixando para trás, como carniça de matadouro, uma profusão de cadáveres insepultos.” (GALVÃO, 2001, p. 101).

A obra *Os Sertões* narra a Guerra de Canudos já citada, seu percurso histórico e social. Há no entorno dela o escancaramento da barbárie de um conflito entre classes e crenças em que ocorre a exploração dos mais pobres e seu extermínio. O livro, que se tornou interesse de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento, é um tratado sobre os estudos do homem, da terra, da sociedade e da cultura brasileiros, especificamente do sertanejo. O autor era desconhecido dos meios literários, porém seus escritos atingiram grande sucesso de público tornando-se um best-seller consagrado e considerado obra prima da literatura nacional fazendo com que Euclides fosse aclamado pelos críticos e intelectuais brasileiros. O livro é constituído de três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Para nosso objetivo nesse trabalho a parte intitulada “O homem”, em que o autor se debruça na figura humana, por meio de um estudo antropológico e sociológico, será essencial, principalmente por apresentar duas figuras: o negro e o sertanejo.

Ao contrapô-los, pretende-se observar a construção de um discurso em torno das vozes excluídas da sociedade. Segundo SANTOS (2013), em sua tese de doutorado, há alguns aspectos que aproximam o sertanejo do negro, um deles reside no fato de ambos serem “inferiorizados” socialmente e desafiarem o estado, como veremos nas obras *Os Sertões*, em que os sertanejos lutam na Guerra de Canudos e também em *Desterro* quando a personagem principal desafia o poder vigente por meio do tráfico de drogas e do controle sobre a comunidade em que vive. Percebe-se que há uma destituição do poder estatal nos dois casos.

Origens das favelas: espaço dos excluídos e silenciados

Nos primeiros anos do século XX, a reforma urbana promovida pelo prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, foi responsável pela reorganização do meio urbano e tornava necessário uma “limpeza” das ruas centrais que culminou com a demolição dos cortiços, que eram habitados por proletários e suas famílias. O transporte urbano também era precário e essas pessoas necessitavam de manter-se próximos aos seus ambientes de trabalho, portanto a construção de habitações rudimentares. O vocábulo favela, utilizados para designar as periferias, remonta ao final da Guerra de Canudos quando soldados que ali lutaram, denominaram a ocupação de “Morro da Favela”¹, juntamente com os marginalizados sociais que ali já viviam e que já habitavam o morro, por não terem opção, fizeram uma associação entre a árvore favela, existente no Sertão, e a vegetação presente nos morros. No entanto, foi na obra *Os Sertões*, na qual Euclides da Cunha descreve minuciosamente cada componente presente na região de Canudos e utiliza o termo favela também para designar a vegetação que surgia nos morros que teve início o mito fundador das comunidades. Ressalta-se nesse contexto de formação das favelas, o já mencionado beato, Antônio Conselheiro. Ele conseguiu insuflar os sertanejos com seus ideais, porém na obra euclidiana a figura do beato não é vista com bons olhos como podemos ver neste excerto “No seio de uma sociedade primitiva que pelas qualidades étnicas e influxos das santas missões malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres. [...] Todas as conjecturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente propício a germinar do próprio desvario.” (CUNHA, 2011, p. 195)

Para Euclides, Conselheiro não representava uma boa influência para os sertanejos, que por sua vez eram desprovidos de intelecto e fáceis de serem manipulados pelo líder religioso “O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato.” (CUNHA, 2011, p.196). A figura do beato surge insipiente, pregando um discurso que também era religioso encontrando terreno fértil entre os sertanejos já assolados pela miséria e pela dor, contudo na visão do autor de *Os Sertões* o papel desempenhado por ele torna-se algo maléfico por manejar as massas e gerar um retrocesso que se via em relação a modernização das cidades. Apesar da justificativa da modernização vemos por meio da

¹ Estas denominações passam por divergências historiográficas, visto que antes de “Morro da Favela”, a ocupação já era conhecida como “Morro da Providência”. Oportunamente, os soldados cobravam providências à situação habitacional, no retorno da guerra, em 1897. Outras versões também denotam a ocupação por um rio que passa na região do conflito.

obra em questão a ausência de um projeto modernizador de fato, pois a civilização pretendida escancarou a luta de classes, a exploração dos mais pobres que resultaram em conflitos armados que foram responsáveis por promover a barbárie que reflete na vida dos moradores das comunidades nos dias atuais. A favela hoje é símbolo do atraso nas grandes cidades e seus moradores vivem assolados com a falta de intervenção do poder público, pois as condições mínimas de dignidade são convertidas em ações de cooperação mútua. Privados de saneamento básico, infraestrutura, saúde e educação insuficientes às emergências sociais, alguns habitantes das comunidades acabam enveredando para o crime.

Não só as questões urbanas já vistas, mas também as que refletem sobre a formação social ganham destaque na obra euclidiana, pelo modo como o autor nos apresenta o conceito e a análise das raças no Brasil. Interessa-nos aqui fazer a exposição do sertanejo e do negro, tido como mestiço do litoral e luzir como tais teorias se imbricam na construção de um antagonismo social. A questão da mestiçagem sempre foi alvo de críticas no âmbito da literatura brasileira, a mistura do indígena, do branco português e do negro escravizado gerou muitos questionamentos acerca dos benefícios ou malefícios para a formação do povo e sua identidade. Euclides considera o mestiço como alguém desprovido de inteligência, fato que se justificou pelas teorias científicas presentes no século XIX, como por exemplo o darwinismo social e a evolução das espécies que propiciaram a dicotomia selvagem x civilizado que ainda hoje é responsável pela discriminação e a exclusão de grande parte da sociedade dos bens culturais e expõe os moradores de periferia a extrema violência e a vulnerabilidade econômica como resquício de uma teoria empírica.

Em virtude dos fatos expostos percebemos que *Os Sertões* tem importância não apenas literária, mas também histórica e científica por desafiar a ideologia conservadora da época no sentido de denunciar os contrastes existentes entre o Brasil litorâneo e o do interior nordestino haja vista que a sociedade brasileira da época constrói a imagem do mestiço como condenado a sofrer discriminações e enfrentar o preconceito de raças. (DANTAS; NETO, 2017 p.6)

O livro foi revisitado diversas vezes, portanto sua fortuna crítica é imensa, por tratar de temas tão essenciais no que tange a história, política, sociedade e ao mesmo tempo numa confluência de todas essas áreas do conhecimento pertence a literatura. O conceito de raça é amplamente reforçado ao longo da obra “Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças no Brasil é um problema que por muito ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos”

(CUNHA, 2011, p.99), mas cabe-nos refletir sobre a época em que a mesma foi escrita, final do século XIX, período em que outros eram os conceitos das ciências naturais, da etnologia e da sociologia. Apesar de sabermos que houve uma evolução no que tange a discussão da existência de raças, uma vez que esse conceito não é mais utilizado por sabermos que a única raça e espécie existente é a do *Homo Sapiens Sapiens*, não podemos negar que esse discurso, que justificou a escravidão, ainda existe na sociedade e legitima o preconceito e a exclusão histórica dos negros em nosso país.

Para o autor de *Os Sertões*, que exalta a força do sertanejo “O sertanejo é antes de tudo um forte, não tem o raquitismo dos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 2011, p.146), o negro, está no mais baixo nível da escala social, pois há a tentativa de embranquecer a população tornando-a mais próxima da raça superior, os brancos europeus, segundo a obra euclidiana. Não há a presença marcante do negro na obra, apesar de sabermos que o sertão nordestino era povoado por negros e mestiços, devido a pesquisas de fontes orais entendida definidas quanto “(...) a sua natureza como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra” (JÚNIOR; NASCIMENTO, 2020, p.4) como as empreendidas por alguns autores como José Calasans, historiador, folclorista e professor, que delegou grande importância a oralidade e a memória do povo sertanejo.

O livro *Os Sertões* demonstra o apagamento da presença do negro na sociedade, em nossa constituição cultural, fato que é recorrente também nos dias atuais, apesar de já haver uma significativa mudança no cenário. Histórias oriundas do folclore nos traz Saci como menino travesso que “atrapalha” a vida alheia por meio da sua malandragem e maldade. Em muitas obras escritas por brancos o negro aparece como escravo, não tem voz são apenas tratados como tema, como enunciadores.

Podemos empreender um ponto de contato entre a campanha de Canudos, a formação das favelas e a figura do negro com a situação contemporânea. Pouco mudou desde a famigerada batalha, pois ainda temos a favela como espaço dos excluídos que o Estado ignora. O fato divergente agora é que muitos negros, indígenas e mulatos estão conquistando seu espaço na literatura nacional e podem assim evidenciar um lugar de enunciação do autor que permite ao leitor compreender a dor e as sentimentalidades dos personagens com voz própria, que já não mais admitem ser manejados como fantoches ou figuras excêntricas e ridicularizadas.

Literatura Marginal: Desterro

Uma das mais importantes discussões das narrativas contemporâneas é a representação da realidade periférica na literatura. Tais narrativas têm o poder de centralizar discussões sobre a vida de indivíduos à margem da sociedade e como vimos, o motivo dessa exclusão é histórico, oriundo de um processo violento e mordaz. Nesse contexto surge a literatura marginal, movimento que ocorre nas periferias e toma o termo marginal para indicar uma literatura que é produzida e divulgada a margem dos processos dominantes, do cânone e da tradição literária.

O termo marginal foi inicialmente usado na década de 1970 pelos escritores da geração mimeógrafo, que foram influenciados por movimentos contraculturais e divulgavam suas obras de forma autônoma insurgindo contra a arte vigente, mas ainda assim pertenciam as classes mais abastadas da sociedade, portanto, podemos associar ao escritor Ferréz o uso do termo na concepção adotada neste trabalho. A literatura marginal reflete aspectos que perpassam o valor estético, os temas próprios dessa literatura são de cunho político, social e cultural. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* foi escrito por Sérgio Vaz, poeta e produtor cultural da periferia, criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), evento que reúne em São Paulo artistas independentes desde 2001, para declamação de seus escritos. Nele podemos encontrar a definição do papel da literatura marginal para democratizar a arte e a cultura no interior das periferias

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. (VAZ, 2007)

Em 1900, segundo Zaluar e Alvito (2003, p.8), o delegado da 10ª circunscrição escreve uma carta ao Dr. Enéas Galvão, chefe de polícia, relatando que as favelas são um reduto de vagabundos e criminosos sem higiene e que seria necessário extirpá-las por meio de uma invasão de policiais completamente armados. Fato que, 122 anos depois, ainda há densamente uma visão estereotipada que a sociedade tem das periferias, estimulada pela constituição histórica das comunidades e de que nelas só reside a violência e a derrota social. No entanto, a arte também circula neste meio e permite que artistas como Ferréz, Sérgio Vaz, Allan da Rosa, Sacolinha e tantos outros possam fazer literatura comprometida com a vivência das comunidades periféricas, engajada, de resistência e resiliência.

Representante da periferia e fundador do movimento da literatura marginal, Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz (1975), pseudônimo de uma junção dos nomes Virgulino Ferreira (Lampião) e Zumbi dos Palmares, mora na periferia de São Paulo, é contista, romancista, poeta e proprietário da marca 1daSul, uma loja virtual na qual divulga e vende produtos diversos, que representa uma marca de periferia.

Emblemática é a atuação de Ferréz que construiu sua identidade não somente pela escrita, mas também junto à sua comunidade, desenvolvendo projetos nos circuitos cultural - pelas publicações e/ou pela participação em eventos culturais e literários, debatendo sobre literatura e outros temas, tanto no Brasil quanto no exterior –, e mercadológico, dado pelos seus empreendimentos, todos sob a marca 1daSul, disseminando, assim, a voz da periferia. (BRADILEONE, 2016, p. 130)

A primeira obra de Ferréz é uma coletânea de poemas concretos intitulada *Fortalezas da Desilusão*. Ela foi financiada pela proprietária de uma empresa de recursos humanos em que o autor trabalhava a época. Não teve repercussão e nem alta tiragem de vendas. O romance *Capão Pecado*, que foi a produção detentora de renome do autor e é um clássico da literatura periférica, conquistou os críticos e levou o nome de Ferréz a circular nos jornais. Além de estimular outros escritores do ramo.

Apesar de não ser a obra mais conhecida de Ferréz, *Desterro*, será o foco do nosso texto. Os motivos da escolha residem no fato da obra se tratar de uma história em quadrinhos (HQ), gênero que une imagem e texto permitindo dinamismo a leitura, além de tratar da temática do tráfico e da violência na periferia.

Eu parecia ouvir Flávio Colin, dizendo que só tem espaço para quadrinho importado. E o pior, sempre comprando HQ eu lia cada coisa estrangeira que não acreditava. Fazíamos parte de um país periferia que não queria se olhar no espelho. Tudo pra nós nunca foi fácil. Mas a gente já tá acostumado a ver o sofrimento como etapa. Quadrinho de resistência não agrada o oponente. Para que ele vai multiplicar e distribuir algo que é danoso para sua autarquia? (FERRÉZ, 2012)

Para Ferréz uma HQ que retratasse os dilemas e a vivência das periferias era algo mais que necessário, pois os jovens precisavam ver-se representados nas obras que liam e criar assim uma sensação de pertencimento. Publicada em 2012 pela Anadarco Editora a HQ é uma produção conjunta entre Ferréz e Alexandre De Maio, que faz jornalismo em quadrinhos, é editor da revista Rap Brasil e retrata a cultura periférica e de rua. Essa não foi a primeira HQ que De Maio publica com Ferréz, *Os inimigos não mandam flores*, publicada em 2006 pela Editora Pixel também é fruto dessa parceria.

Igordão, protagonista da HQ *Desterro*, se encontra na condição de antagonista social, mas é fruto do meio em que vive, uma contradição entre desenvolvimento de uma metrópole, produtora de capital e as condições precárias das periferias ao entorno que não têm investimento do poder público fazendo com que predomine nelas a

exclusão e a violência “E muitas vezes o acusado não é o culpado, mas quem provocou o fato.” (FERRÉZ; DE MAIO, 2012, p.8). A narrativa se constrói em torno da figura de Igordão, líder do tráfico que age de forma violenta para exercer o controle da venda de drogas. O ato de matar é algo corriqueiro em sua rotina, o que o leva para a prisão na qual ele não se recupera. As questões raciais emergem no contexto da obra quando nos é apresentado o irmão do delegado, que condena nosso protagonista. Ele também fazia parte do movimento, mas não era apresentado como bandido. Cabe ressaltar que todas as autoridades policiais da HQ são brancas, o médico que retira um projétil de Igordão também é branco, apesar de ser dependente químico, a imagem de alguém que estudou e ocupa um lugar de maior destaque na sociedade não poderia ser apresentado como uma personagem negra.

Desterrar segundo o dicionário é “fazer sair alguém de sua terra natal ou de domicílio; exilar-se, isolar-se”. A personagem principal da HQ exila-se na sua própria terra, Capão Pecado, uma favela Paulistana, vive no “quarto de despejo” da sociedade e é fruto de um meio em que predomina a violência. A favela, termo cunhado em *Os Sertões*, sempre foi o exílio dos excluídos socialmente, o refúgio para aqueles esquecidos pelo poder público, os que afrontam a ordem vigente. Notícias de jornais divulgam o tráfico na periferia, mas não aprofundam em suas raízes, que são oriundas do processo de colonização de nosso país. Segundo o autor “Não é preciso morrer para ser enterrado em São Paulo” (FERRÉZ; DE MAIO, 2012, p.1)

A força policial, segundo noticiários, age com muita violência no interior da periferia, entra nas comunidades e atiram primeiro para depois perguntar, sem investigar e questionar. A truculência encontra a periferia e o corpo negro de forma voraz. Esse fato é evidenciado na narrativa quando há a chacina contra a família de Igordão. Assim como acontecia em Canudos, nada mudou. Há a falta de investimento em educação, saúde e cultura por parte do Estado, permitindo assim uma abertura de espaço para o aumento da violência e do tráfico, ou seja, os poderes paralelos. A favela continua a ser local que abriga as pessoas que não têm outras oportunidades de vida, nela “A impressão é que todo mundo foi para outro lugar e esqueceu de terminar a construção” (FERRÉZ; DE MAIO, 2012, p.5).

Glauber Rocha em seu escrito *Eztetyka da Fome* reflete sobre a questão de termos em nossa literatura representações pouco autênticas sobre nossa realidade, marcada de exotismos e inverdades. O autor cita o Cinema Novo para evidenciar a contrapartida a

essa representação. Nele podemos ver escancarada a fome e a dor do povo “(...) que fez do Cinema Novo um fenômeno de importância internacional foi justamente seu alto nível de compromisso com a verdade; foi seu próprio miserabilismo.” (ROCHA, 2013, p. 2). O brasileiro tem fome de tudo, cultura, lazer, saúde e oportunidades. Para o autor essa fome gera a violência que foi amplamente retratada nesse trabalho, seja no interior da Guerra de Canudos, explicitada na obra *Os Sertões* ou na periferia exposta em *Desterro*, pois segundo Rocha (2013) “Enquanto não ergue as armas o colonizado é um escravo (...)” (p.3)

Conclusão

Euclides da Cunha, jornalista enviado a Canudos para retratar a guerra, denuncia esse genocídio em sua obra *Os Sertões*. Obra prima da literatura mundial, “trata-se de um crime, vamos denunciá-lo”, ao se deparar com o massacre vil. Ele tem papel fundamental na denúncia da guerra, pois foi por meio de seus escritos que conseguimos compreender detalhes do que aconteceu, mas não podemos esquecer da importância que o depoimento de alguns sertanejos tem para auxiliar a compreensão do que foi Canudos, seus personagens marcantes, sua organização e a figura emblemática de Conselheiro. A memória de Canudos sobreviveu à tentativa coronelística e republicana de silenciar a manifestação do sertanejo em não se curvar à opressão e a normalidade da dor. Na obra *Os Sertões* há uma construção do imaginário da favela e a representação do povo marginalizado que legitimou a segregação e o preconceito. Não podemos negar o caráter inovador da obra que representou um estudo minucioso da terra e seus habitantes, certamente ainda há muito o que se explorar no escrito de Euclides. Passaram-se 100 anos da publicação da obra euclidiana e o contexto das favelas pouco se modificou, porém a voz que denuncia essa exclusão agora é outra. Os moradores de periferia agora conseguem falar por si mesmos, como observamos na obra *Desterro* de Ferréz e tantas outras que ganharam espaço nos últimos anos.

O termo favela, utilizado por Euclides, surge no contexto da guerra, pois havia em Canudos uma árvore denominada favela por ter favos com muitos espinhos. O termo veio da Bahia para o Rio de Janeiro com os soldados que combateram em Canudos, a eles havia sido prometido habitações dignas, mas a promessa não foi cumprida. Eles começaram a construir habitações precárias no Morro da Providência que já contava com alguns casebres calcados de sobrevivência de ex-escravizados e imigrantes europeus. Assim surgiram as favelas, como o único caminho existente para as pessoas

que não tinham onde morar e eram expulsas, seja pelos projetos urbanísticos ou pelo anseio elitista em invisibilizá-los. O poder público sempre fechou e continua fechando os olhos para essas comunidades, contudo não podemos deixar de citar que apesar da violência a cultura circula nesse espaço, literatura, grafite e também o samba, ritmo tão popular no nosso país e por muitos anos marginalizado por força de lei.

A eugenia, o darwinismo e a segregação ainda persistem, os resquícios de raça que justificaram escravizar os negros no passado, ainda têm papel fundamental na construção imagética da sociedade frente aos moradores das comunidades e aos negros de forma geral, mas a literatura marginal tem função de transformar essa visão, ou ao menos evidenciá-la como uma forma de denúncia. Ferréz e tantos outros autores marginais têm construído uma ponte que permite descortinar a realidade da periferia urbana. Não podemos sentenciar a maioria, sempre tratada como minoria no campo literário. Sarais como a Cooperifa, movimentos como a 1daSul e discussões empreendidas como a exposta nesse artigo, no qual associamos as origens das favelas com seus atuais cancos, a violência, a exclusão e os silenciamentos são necessários e relevantes para que possamos conhecer o *ethos* da nossa sociedade. Que estes espaços percam o status de guetos para fulgurar a vitória dos esquecidos, paginando novas letras de nossa literatura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jean Marcel Oliveira. *O pré-modernismo: a luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro*. Pensares em Revista, Rio de Janeiro, n. 1, p. 117-134, jul-dez, 2012.

BENTES, Ivana. *Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome*. ALCEU, Rio de Janeiro, n. 15, v. 8, p. 242-255, jul. dez. 2007.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. *A literatura marginal e seus mecanismos de legitimação e consagração*. BOITATÁ, Londrina. n. 21, p. 128-142, jan-jun, 2016.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DANTAS, Maria Eliane Vieira; NETO, Francisco Dantas Vero. *O mestiço em Os sertões: elemento da brasilidade*. Anais I CINTEDI... Campina Grande: Realize Editora, 2014.

Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/9028>>. Acesso em: 24/02/2022.

DE MAIO, Alexandre. *Entrevista sobre a HQ Desterro* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <sorayasugayama@yahoo.com.br> em 10 fev. 2016.

FERRÉZ. Entrevista/Ferréz. *A quebrada sou eu*. Soraya Sugayama. Cândido, Curitiba, n. 54, p. 4-9, 2016.

____; DE MAIO, Alexandre. *Desterro*. São Paulo: Anadarco, 2012.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana – ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14336/literatura-marginal>

____; *O império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

JÚNIOR, Oswaldo Dantas Lima; NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. *A ausência do negro e da temática “escravidão” na literatura sobre a velha Canudos*. Cognitionis, Teresópolis, n.1, v. 5, p. 11-25, 2020.

LUNA, Sarah. *Os sertões e as favelas: do mito fundador euclidiano à representação no cinema nacional*. Salvador BA: UCSal, n.3, v. 5, p. 341-358, out. 2014.

QUELUZ, Gilson Leandro; QUELUZ, Marilda Lopez Pereira; SUGAYAMA, Soraya. *Cidade em quadrinhos: coprodução social e tecnológica na obra Desterro, de Ferréz e De Maio*. Sociopoética, Paraíba, v. 1, n. 22, p. 47-60, jan.-jun/2022.

SANTOS, Carolina Ferreira dos. *Às margens. Um estudo ao redor de Os Sertões, Native Son e Cidade de Deus*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Piason Natali. Tese (Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

VAZ, Sérgio. *Manifesto da antropofagia periférica*. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 02/03/2022.

XAVIER, Ismail. *Sertão Mar – Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Ed. 34, 2019.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.